



O aparecimento da escola

The school appearance

Marta Maria de Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Pensar o título de uma exposição, destrinchá-lo, matizá-lo é uma operação investigativa tanto complexa quanto apaixonante. Por que essa exposição tem o título *O aparecimento da escolar?* O ponto de partida dessa idéia situa-se nas minhas próprias investigações acerca da história da educação escolar no Rio Grande do Norte na época colonial, imperial e republicana. As conclusões de cada pesquisa levaram-me a interrogar sobre as possíveis razões pelas quais autoridades políticas e pais de família, de alguma forma, (até com certa insistência em alguns momentos) pleiteavam a difusão da educação escolar coletiva e sobre a intenção educadora de cada época histórica.

220

Próxima de um entendimento histórico, social e político das razões da escolarização coletiva e da intenção educadora nos séculos XVI, XVII e XVIII, na Capitania do Rio Grande, não me sentia satisfeita com as conclusões a que chegara. A minha insatisfação estava no quão pouco sabia a respeito da história da escola e da escolarização coletiva e também individual através dos tempos e dos lugares. Aos poucos, comecei a adquirir uma bibliografia que me possibilitasse um quadro histórico de mudanças sociais. Com isso, pretendia abrir vasos de comunicação entre mudanças sociais e mudanças educacionais, quiçá no período histórico denominado Idade Média.

Por que a Idade Média? Recentemente, alguns historiadores têm colocado a Idade Média (do século V ao século XV ou ao século XVIII, como defende o historiador francês Jérôme Baschet) no centro da Modernidade. Em outras palavras, a sociedade ocidental, na Idade Média, especialmente na virada do século XII (1101) para o XIII (1201), experimentou profundas mutações sociais e criativas, cuja base material foi o desenvolvimento agrícola, em face do progresso das técnicas agrárias e da irrigação, a ampliação das terras cultivadas, a diversificação da produção, o impulso para a ex-



pansão comercial transcontinental e os mecanismos mercantis progressivos, além do primado da atividade mercantil sobre as manufatureiras, em geral artesanais.

○ certo é que o aperfeiçoamento agrícola impulsionou as mudanças sociais dos burgos e das cidades para além de centros de produção de artesanato, de pontos de trocas comerciais, de empréstimos monetários (sobretudo por parte Igreja Católica) e de concentração das forças tradicionais feudais. Ao mesmo tempo em que começou a levar ao declínio do pensamento e da servidão medievais, impulsionou a propulsão de um pensamento e de relações sociais modernas.

Os estratos em franca ascensão era uma burguesia empresarial (que portava de uma mentalidade verdadeiramente empresarial por se preocupar com o aumento do seu capital circulante); uma burguesia mercadora (que comercializava para a sua sobrevivência imediata e mediata); uma classe média (que investia em terras, em obras de artes, em conforto das residências e em obras sociais relacionadas com orfanatos e escolas comunitárias); e os artesãos (construtores de catedrais, tintureiros, ourives, vidraceiros, alfaiates, copistas de manuscritos raros para uso de professores e alunos). Todos esses estratos altos e médios tornaram-se ávidos por educação escolar e pela formação intelectual dos seus filhos e também de suas filhas.

Atualmente já não mais surpreende a mobilidade social repercutir intensamente na evocação de mais e melhores escolas e de uma educação escolar substantivamente sólida. Na virada do século XII para o século XIII, foi essa a desenvolvimento cultural efetivada sob os auspícios da renovação dos saberes ensinado do ler e do escrever em latim e na língua vernácula, dos saberes do *trivium* (gramática, retórica e lógica) e do *quadrivium* (astronomia ou meteorologia, geometria, matemática, música), da renovação dos métodos de ensino, bem como da valorização das técnicas de escrita. A educação escolar tinha o papel fundamental em contribuir para o refinamento dos dotes inatos e de instaurar tantos outros dotes e virtudes.

No século XII, assiste-se à passagem das escolas monásticas (latim, leitura da sagrada escritura, canto, cálculo e penitência) para o surto de distintas modalidades de escolas, destas às universidades (século XIII), num progresso contínuo, culturalmente irresistível até então. As escolas urbanas se multiplicaram, e com elas os alunos (*scolares*) e os mestres (*magistri*).



Quais foram as escolas em evidência naquele distante século XII, base pedagógica do ensino grupal e germe das escolas modernas? As *escolas catedrais* (funcionando no interior das catedrais, geralmente pagas) as *escolas capitulares* (ligadas a um cabido local, um cômego), as *escolas canonicais* (destinadas aos jovens cômegos), as *escolas de palácio* (com seus bem preparados preceptores) e as *escolas privadas abertas* (de gramática, de dialética, de sagrada escritura) a cargo de mestres independente ou mestre-livre-ambulante. Ainda havia as escolas de *preceptoría* (mantidas pelas famílias aristocráticas) e as *escolas das corporações* [juizes, escrivões e notários], [barbeiros-cirurgiões], [mercadores], [pintores, escultores, ourives], [pedra e madeira], [seda e lã], [construtores de edifícios e catedrais], [pescadores, açougueiros, sapateiros e carpinteiros], dentre outras. O aprender-fazendo era o procedimento formativo dessas escolas ligadas a uma corporação de ofício.

E as escolas de Medicina e Direito? A Medicina antiga foi essencialmente grega, com Hipócrates (460 a 375a c). Nos séculos X e XI, no mundo islâmico (Bagdá), as escolas de Medicina levaram médicos e hospitais a crescerem e a expandirem-se. No século XII, por exemplo, as escolas de Medicina de Salerno atraíram ouvintes de todo o ocidente e tornaram-se centros de formação de mestres e médicos e de caros tratamentos de saúde e dietas. Posteriormente, Bolonha, Pádua, Montpellier e Paris passaram a ser os verdadeiros centros universitários de ciência médica do ocidente. E as escolas de Direito? Emergiam para as escolas de Direito de cidades como Bolonha, Parma, Piacenza, Pavia, Paris e Colônia, estudantes homens e mulheres interessados em direito canônico, romano, privado, público, comercial e civil; em instituições judiciárias e administrativas e leis em geral.

No século XIII, por iniciativa de príncipes e papas foram criadas as universidades ocidentais de Artes, de Direito, de Filosofia, de Medicina e de Teologia. Em fins do século XIII, já era expressivo o número de universidades funcionando na Bolonha, em Nápoles, Paris, Montpellier, Salamanca, Oxford, Pádua, Provença, Lisboa, Praga, Cracóvia, dentre outras cidades.

Porém, para que modalidades escolares apareçam, propaguem-se, é consistente averiguar sobre outras modalidades escolares que antecederam àquelas dos séculos XII e XIII. Há ainda de certificar se escolas e escolarizações primordialmente singulares se estabeleceram a partir de antigos costumes, tradições e hábitos conservados de ensinar e aprender. Mas, a



história, ensinam os grandes historiadores, é portadora de duas essenciais dimensões — o tempo e o espaço.

Há algum tempo que procuro reunir fontes documentais diversas, matérias e materiais, para buscar indícios-chave acerca do aparecimento da escola no universo de uma vida comunitária. Esse recuo no tempo e no espaço é impensável sem algumas paragens pelos conhecimentos científicos da Antropologia, da Arqueologia, da Astronomia, da Biologia, da Paleontologia, da Paleoantropologia, da História e da História da Educação.

Um primeiro indício encontrado foi referente ao período de tempo em que a linhagem do *Homo sapiens* (com comportamentos específicos dos humanos: linguagem, raciocínio e consciência) se separou da linhagem dos *chimpanzés*: provavelmente há mais de *6 milhões de anos*. Esse primeiro indício levou-me a investigar acerca da idade aproximada da existência do Universo. As últimas pesquisas de um grupo de astrônomos americanos revelam que o Universo tem hoje aproximadamente *15,8 bilhões de anos*.

Sem qualquer pretensão de estabelecer uma continuidade linear entre a idade da existência do universo e a de segmentos humanos pós-separação da linhagem dos *chimpanzés*, gostaria de trazer evidências que representam uma prova científica valiosa de vida humana inteligente, ou mesmo de homens e mulheres culturalmente modernos.

Resultados de montagens abstratas complexas são conchinhas furadas no mesmo lugar para colares há *100 mil anos*. Portanto, as jóias mais antigas da história da humanidade podem ter justamente *100 mil anos*, pertencendo a homens e mulheres que viveram em cavernas da hoje África. Esses homens e mulheres antigos, tanto vulneráveis à extinção quanto à adaptação relativamente rápida para sobreviverem, tendiam a muito pouco ou a quase nenhuma preservação de suas invenções inovadoras.

Mas existem algumas conexões culturais inovadoras de procedência do *Homo sapiens* que foram preservadas, aperfeiçoadas e transmitidas. É o exemplo do fogo e de algumas ferramentas de pedra que existem entre *40 mil anos e 18 mil anos de idade*, pelos menos.

Os livros e os silabários, tendo como suporte tableta de argila, de tijolos, de casco de tartaruga, de tábuas de madeira, de papiro e de pergaminho, tem existência desde o surgimento dos primeiros escritos na Suméria, antigo centro avançado da Mesopotâmia (atual Iraque), por volta de *5000*

anos antes de Cristo, posteriormente adotados por toda a Mesopotâmia e povos vizinhos.

A escrita suméria, grafada em cuneiforme, é a mais antiga língua humana escrita conhecida. Ao lado da escrita cuneiforme, hieroglífica, alfabética, dentre outras, aparecem os instrumentos para escrever, como o estilete de bambu, o carvão, a tinta, a pena, o lápis, a pintura. A pintura rupestre, por exemplo, foi praticada ao longo de mais de *12 mil anos*.

Na atual América Central, a civilização Maia reservava para os seus reis e nobres a perpetuação de suas narrativas na forma escrita em murais de pedra, em monumentos, em vasos cerâmicos e em papiros, que datam todos do ano 300 antes de Cristo a 100 depois de Cristo. A palavra escrita ligava-se ao exercício do poder político, às simbologias, à perpetuação das narrativas e ao adestramento da memória para lembrar e evocar o que era ensinado e transmitido.

Entretanto, a civilização Olmeca (fundadores do “Estado” da Mesoamérica, que hoje engloba o México e a América Central), que prosperou entre 1300 a 400 antes de Cristo, aparece, para arqueólogos americanos e mexicanos, como os primevos na região a usarem e escrita hieroglífica em bloco de pedra, por volta do ano 1000 antes de Cristo.

Por essas intermitências foi que aos poucos chegamos ao leito ancestral da escola moderna, em completo repouso. Não por acaso, a ancestralidade por excelência da escola moderna acha-se na Suméria, que data do terceiro milênio antes de Cristo ou 3000 anos antes de Cristo. Na longínqua e antiqüíssima Suméria (onde justamente apareceram os primitivos livros, o primeiro silabário e a invenção da escrita), existiu, nesse III milênio antes de Cristo, uma “rede de escolas” cujo desejo principal dos seus fundadores era, por meio do ensino da leitura e da escrita, proporcionar o domínio da língua e da cultura suméria a um número razoável e diversificado de escribas, incluindo o “escriba de rua”.

A invenção da escrita cuneiforme levou aos sumérios a sua preservação como a expressão de pensar e de falar. Portanto, a escrita cuneiforme foi conseqüentemente o que proporcionou a criação de escolas instaladas nos templos e a oficialização da aprendizagem escolar.

As letras, as sílabas e a palavra escrita em cuneiforme tinham como suporte o tijolo de barro mole. A aprendizagem das letras, das sílabas e da



narrativa escrita servia de base para a aprendizagem da leitura sonora na língua materna da suméria. A aprendizagem progressiva da escrita e da leitura era combinada com a memorização da listas de nomes de deuses, de heróis e reis, de pessoas específicas, de animais, de plantas, de localidades e de algarismos. Na escrita cuneiforme, como espécie de um sistema pictográfico, o objeto escrito (ou desenhado) expressava obrigatoriamente uma idéia: a escrita de um pé representava a idéia de andar ou pôr-se de pé; a da boca juntada com a da água, significava a idéia de “beber água”; um barco, com determinados sinais, denotava que estava carregado ou mesmo vazio. A visualização intensa do objeto escrito/idéia era para facilitar a sua rápida aprendizagem.

Para o prazer de ensaiar e de memorizar narrativas, os alunos faziam o uso corrente do dicionário. Igualmente para o prazer de aprender e memorizar algarismos e cálculos matemáticos (notadamente contas de multiplicação, horas, minutos, segundos e o calendário de 12 meses, atualmente usado), existia as tábuas matemáticas, com figuras de cones, esferas, bilhas (bolas) e números.

Ancestral da escola moderna, a rede escolar da Suméria era razoavelmente complexa. Por ser o trabalho de ensino e aprendizagem bastante lento e laborioso, a escola era de tempo integral: do nascer do-sol ao pôr-do sol. Cada “estabelecimento” de ensino tinha um “diretor” (que era o “pai” da escola). (FERNANDES, 2005). Os professores dividiam-se pelos saberes que dominavam: professor de língua suméria, de leitura, de cópia, de desenho, da aritmética, de religião.

A rica e diversificada literatura suméria era certamente estudada nas escolas: hinos, poemas, provérbios e epopéias. Todos os professores faziam uso intensivo de materiais didáticos visuais, incluindo mãos e dedos. A escolarização devia inculcar nos alunos a adesão aos hábitos, às atitudes e aos gostos literários próprios da cultura que a envolvia.

Em face desse compromisso educativo, ao professor encarregado do portão da escola cabia velar pela pontualidade e pela permanência integral dos alunos no interior do estabelecimento de ensino. Entretanto, um erro de escrita, de sonoridade, de aritmética, de um atraso na chegada às aulas era motivo de aplicação de vergastadas, de varadas.

Na antiga Suméria, a sociedade era formada por uma aristocracia real, por um grupo de nobres latifundiários e líderes militares; por funcionários reais, por comerciantes, por escreventes, por artistas, por artesãos, por camponeses livres, que compunham a maioria da população, e por escravos.

Ligada com o passado, a história e a história da educação notabilizam-se pela incessante angústia de reviver os vestígios da história de homem e mulheres e da sua educação escolar. Nesse incessante trabalho histórico, surpreendemo-nos com a riqueza, a intensidade e a diversidade cultural de cada povo, a exemplo do povo sumeriano há mais de 5 (cinco) mil anos.

Referência

FERNANDES, Rogério. Cultura de escola: entre as coisas e as memórias. **Pro-Posições**, Campinas, v. 16, n.1, p. 19-39, jan./abr. 2005.

Profa. Dra. Marta Maria de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Departamento de Educação
Coordenadora da Base de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais
E-mail | martaujo@digi.com.br